

**Visagens e Assombrações de Belém: educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro**

*Belem's Sights and Hauntings: education and cultural identity in the work of Walcyr Monteiro*

Jayna Karolyne de Souza Santos  
Josebel Akel Fares  
**Universidade do Estado do Pará (UEPA)**  
Belém-Brasil

**Resumo**

Este artigo surgiu de uma dissertação de mestrado sobre Visagens e Assombrações de Belém, obra-prima de Walcyr Monteiro. A obra revela componentes que constituem um estudo sobre o imaginário dos belenenses, desenvolvido entre 1969 e 1972. Nesse contexto, este artigo se desdobra como uma viagem em direção ao desconhecido, destacando de que forma os contos presentes no livro podem contribuir para o fortalecimento da identidade cultural da população belenense. A narrativa escolhida para análise, o Fantasma Erótico da Soledade, classificada pelo autor como romanesco-erótica, foi examinada conforme o referencial teórico proposto pelo próprio conto. Com isso, percebeu-se que, para além de transparecer elementos históricos, religiosos, culturais e simbólicos, o texto possibilitou discussões sobre a construção da sexualidade feminina.

**Palavras-chave:** Identidade Cultural; Visagens e Assombrações de Belém; Walcyr Monteiro.

**Abstract**

This paper is based on a master's thesis about *Belem's Sight and Hauntings*, a masterpiece by Walcyr Monteiro. The work reveals components that constitute a study on the imagination of the inhabitants of Belém, developed between 1969 and 1972. In this context, this research unfolds as a journey into the unknown, highlighting how the stories present in the book can contribute to strengthening the cultural identity of the population of Belém. The chosen narrative for analysis, *Erotic Ghost of Soledade*, classified by the author as *romanesque-erotic*, was examined according to the theoretical background proposed by the story itself. Thus, it was observed that, beyond revealing historical, religious, cultural and symbolic elements, the text allowed discussions about the construction of female sexuality.

**Keywords:** Cultural Identity; Belem's Sights and Hauntings; Walcyr Monteiro.

*Visagens e Assombrações de Belém:  
educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro*

## **1. Introdução**

Desde a infância, somos convidados a entrar em um mundo paralelo ao nosso. Trata-se de um mundo inexplicável, povoado por seres desconhecidos que mexem com o nosso imaginário. Geralmente, o convite surge pela voz e performance de alguém que narra sobre seres míticos, encontros com a morte, visagens e assombrações. Com o tempo e a experiência, aqueles que se entregam a esse universo ajudam a construir uma teia literária complexa e diversificada.

Por outro lado, os vários fios que se entrelaçam para moldar a teia pouco se estendem em direção às salas de aula, dominadas pelos livros didáticos e pela falta de tempo do professor. Nesse percurso, os fios, que se materializam em narrativas orais, atravessam o tempo, multiplicam-se, inspiram autores e provocam discussões acadêmicas sobre a necessidade de se trabalhar as Mitopoéticas e a Literatura Amazônica na educação básica – fato que revela a busca por referências à nossa identidade cultural.

Em vista disso, obras como *Visagens e Assombrações de Belém*, do escritor paraense Walcyr Monteiro (2003), possibilitam o fortalecimento cultural dos belenenses. Nas páginas deste livro, encontramos uma coletânea de contos sobrenaturais, a descrição do Culto das Almas, uma breve apresentação da cidade de Belém, além de análises e inferências do autor. Esses elementos constituem um estudo sobre o imaginário, desenvolvido entre 1969 e 1972.

Para compreender o universo contido na obra-prima de Monteiro (2003), elegemos a narrativa *Fantasma Erótico da Soledade* como objeto de estudo. A escolha surgiu da leitura do conto, que incorpora elementos históricos e culturais da metrópole da Amazônia, bem como aspectos sociais e simbólicos.

O diálogo estabelecido com a obra em estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, buscando compreender as experiências humanas de maneira significativa. Minayo (2002) destaca a importância da subjetividade em pesquisas qualitativas, permitindo uma análise profunda do conto, considerando nossas próprias percepções, emoções e interpretações como leitoras.

A pesquisa realizada é bibliográfica e documental, sendo crucial para compreender o objeto de estudo. Gil (2008) define o estudo bibliográfico como a análise de dados provenientes de material impresso, enquanto a pesquisa documental, conforme Rodrigues e

França (2010), explora fontes como jornais. A combinação desses métodos proporciona uma compreensão ampla e diversificada do objeto de estudo.

Este trabalho adota uma abordagem metodológica fenomenológica, baseada na Fenomenologia Social de Schutz (1979). Essa perspectiva enfatiza a importância de compreender as experiências subjetivas na construção da realidade social, buscando entender como as pessoas atribuem significado às situações e fenômenos que vivenciam.

Além disso, esta pesquisa segue uma abordagem metodológica interpretativa, conforme descrito por Severino (2007). Essa modalidade de estudo visa compreender o objeto por meio da interpretação dos dados coletados, analisando o imaginário belenense no conto de Monteiro (2003), interpretando os aspectos históricos, culturais, sociais e simbólicos que influenciaram a construção desse imaginário e a produção da narrativa.

A elaboração deste estudo fundamenta-se em Um Memorial das Matintas Amazônicas, de Fares (2015), que serviu como inspiração para o presente texto. Na primeira orelha do livro, Advaldo Castro Neto destaca a contribuição do trabalho para pesquisadores da cultura amazônica, elogiando a autora por trazer poesia e lirismo para a academia, sem comprometer o rigor científico do ensaio memorialístico. Parte superior do formulário

Este artigo, que se desenvolve como uma viagem rumo ao desconhecido, em alusão às várias expedições que Walcyr Monteiro empreendia pelo interior da Amazônia em busca de histórias, é composto por três momentos distintos. No primeiro, de maneira concisa, apresentamos o guia e o processo de escolha da escala e do método para apreciação da viagem. No segundo, conduzimos o leitor a uma experiência aérea pelos céus de Belém, guiada por Monteiro (2003). Por fim, refletimos sobre tudo o que foi observado. A disposição das seções visa envolver o leitor em uma jornada fascinante e imersiva, que se inicia nos preparativos e culmina na realização da viagem literária.

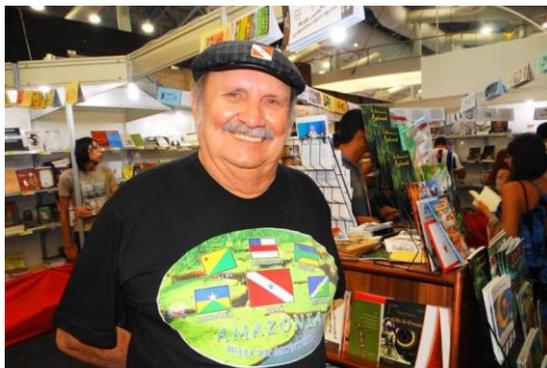
## **2. Apresentação do guia da viagem em direção ao desconhecido**

As histórias faziam parte de Walcyr Monteiro. Elas o envolviam, uniam-se ao seu corpo e o deixavam ardendo de desejo pela Amazônia. Imerso em profundo amor, ele entregava-se. Singrava os vários rios que compõem a região e adentrava estradas de difícil acesso, para ouvir relatos sobre o outro mundo. Certa vez, em uma entrevista, perguntaram-lhe por quais motivos dedicava-se, com tanto afinco, a estudar o desconhecido. E ele, sem pestanejar, respondeu: “O grande amor que tenho pela Amazônia, pelo Pará, por Belém!” (Tavares,

*Visagens e Assombrações de Belém:  
educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro*

2020). Será que o escritor havia sido encantado por alguma das entidades que povoam a floresta, assim como tantos personagens das histórias que ele ouvia e contava? Vai saber! Em meio a tamanho mistério, nesta seção, debruçamo-nos sobre a vida e obra desse grande autor paraense.

**Figura 01** – O escritor paraense Walcyr Monteiro.



Fonte: Site de notícias<sup>i</sup>, 2019.

Walcir José da Silva Monteiro, mais conhecido como Walcyr<sup>ii</sup> Monteiro, nasceu em Belém em 27 de janeiro de 1940. Entre os anos 1960 e 1970, começou a ser envolvido pelos mistérios que povoam a Amazônia. Com ternura, lembrava-se de seus tempos de criança. Uma época gostosa, em que as pessoas costumavam reunir-se em frente às casas para contar histórias – o que, aos poucos, deixou de acontecer com a chegada da televisão em 1962. “Pensei, então, que um traço cultural da nossa região iria desaparecer. Foi assim que eu pensei em escrever, em fazer um registro das lendas e mitos da região, das histórias de visagens e assombrações de Belém” (Araújo, 2013).

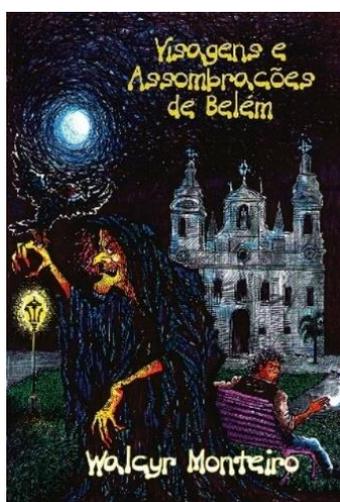
Assim, de 1969 a 1972, o escritor passou a pesquisar as histórias que eram contadas na capital paraense. Ouvia cada uma delas com atenção e procurava passá-las para o papel, sem realizar grandes modificações. Ele sempre dizia que não havia criado nenhuma das histórias. Na verdade, elas emergiam das suas memórias de infância ou das pesquisas que realizava (Monteiro, 2014).

Em maio de 1972, com o apoio de Claudio Augusto Sá Leal, então secretário do jornal A Província do Pará, e do professor Napoleão Figueiredo, titular de Antropologia Cultural da UFPA e pesquisador do Museu Emílio Goeldi, Walcyr publicou no jornal A Província do Pará o conto A Matinta Perera do Acampamento, dando início à série dominical Visagens e Assombrações de Belém. “A aceitação por parte do público foi muito grande, o que se pôde

constatar pelas cartas recebidas, quer estimulando, quer com a narração de novos casos, quer finalmente sugerindo a reunião das histórias em livro” (Araújo, 2013).

Editada pela Gráfica Falângola, a 1ª edição do livro foi publicada apenas em 1986<sup>iii</sup>, com o apoio do então secretário de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, Acyr Castro. A capa e as ilustrações da obra foram criadas pelo artista plástico Luciano Pinto Cesar de Oliveira. No entanto, ao longo das edições, a capa de *Visagens e Assombrações de Belém* passou por várias mudanças. É na 3ª edição, por exemplo, que ela recebe o traço do famoso cartunista paraense João Bento. Nela, a Matinta Perera e a Igreja da Sé, personagens do universo mítico amazônico-paraense, emergem sob a luz do luar.

**Figura 02** – Capa da 7ª ed. da obra *Visagens e Assombrações de Belém*.



Fonte: Imagem cedida por Augusto Henrique, da Editora Walcyr Monteiro, em 2022.

Quanto ao conteúdo do livro, ele está organizado em cinco partes:

A primeira é a coletânea dos contos relativos a visagens e assombrações; a segunda é a descrição do Culto das Almas; a terceira é a área objeto de pesquisa (Distrito de Belém), na qual se faz uma síntese histórica e mostra-se a sua importância político-econômica na Região Amazônica (relativa a 1972); a quarta constitui uma primeira abordagem de interpretação dos fenômenos; e a quinta, as conclusões a que chegou o autor. A elas somam-se documentário fotográfico e anexos, relativos ao Culto das Almas e notas de jornais (Monteiro, 2003, p. 13).

Assim, a obra oferece um estudo sobre as crenças da população belenense, o que serviu de inspiração para o trabalho de carnavalescos, cineastas, teatrólogos, desenvolvedores de jogos, amigos e pesquisadores.

Sem dúvida, *Visagens e Assombrações de Belém* é o livro mais famoso de Walcyr Monteiro. No entanto, o escritor também possui outras publicações, abrangendo poesia,

*Visagens e Assombrações de Belém:  
educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro*

música, prosa e revista. São elas: *Miscelânea ou Vida em Turbilhão*; *Cosmopoemas*; *Na Amazônia Encantada, uma História Medieval de (Des)amor no Século XXI*; *Na Amazônia Encantada, uma História de Amor na Era Espacial*; o CD *Na Rede dos Sonhos*; *As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará*; *Histórias Brasileiras e Portuguesas para as Crianças*; *Presente de Natal*; *Histórias Japonesas Contadas na Amazônia*; *Contos de Natal*; *Amazônia: Histórias e Lendas*; e as revistas *Visagens*, *Assombrações* e *Encantamentos da Amazônia*.

Além de sociólogo, professor, economista, jornalista, antropólogo, ufólogo e escritor, Walcyr Monteiro era especialista em Consultoria Industrial, Administração Profissional, e Gerenciamento de Recursos Humanos. Ao longo de sua vida, atuou em alguns órgãos (CEAG<sup>iv</sup> e Secdet<sup>v</sup>), sendo presidente do Iterpa<sup>vi</sup> de 1987 a 1990. O autor também foi membro da Associação Regional de Sociólogos, da Associação Brasileira de Antropologia, da Associação Paraense de Escritores, da Academia Paraense de Jornalismo (APJ), do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), do Centro Paraense de Estudos do Folclore, e de muitas outras associações socioculturais.

Em 29 de maio de 2019, devido a uma pneumonia grave, Walcyr Monteiro passou a acompanhar as histórias de visagens e assombrações ao lado das várias estrelas que adornam o céu da Amazônia. Às vezes, porém, ele desce para agradecer as homenagens recebidas. Na I Festa Literária de Belém, por exemplo, quando anunciaram uma criança vestida como o autor, todas as luzes se apagaram. Coincidência ou não, a verdade é que o homem-material se foi, mas o homem-texto deixou um legado, expresso nos trabalhos de Armando Alves Filho, Claudionor Wanzeler, Genésio Gomes dos Santos Filho, Joecio Jojoca Lima, Nathan de Moura, Paulo Maués Corrêa, Sandro Arlan, Wilson Tadeu Amoras e outros escritores, que também decidiram se aventurar em uma jornada rumo ao desconhecido.

### **3. A escala do voo**

Com a obra *Visagens e Assombrações de Belém* escolhida como caminho, tornou-se imperativo decidir as escalas do voo em direção ao desconhecido. No início deste projeto de pesquisa, quando tudo ainda estava envolto em névoa, cogitamos analisar a primeira parte do livro, a qual é composta por 25 contos. No entanto, o receio em relação à turbulência nos intimidou, e fomos compelidas a reconsiderar nossa escolha.

Respiramos fundo e começamos a ler as narrativas, fazendo anotações. Em seguida, dirigimos nosso olhar para a análise construída pelo autor. Percebemos, entre as

classificações das aparições sobrenaturais, as Visagens Romanesco-Eróticas: mulheres que retornam ao plano terrestre em busca de envolvimento amoroso. Quatro contos se enquadram nessa categoria: Fantasma Erótico da Soledade, Noivado Sobrenatural, Encontro na Praça e A Moça sem Face. Ao compará-los, observamos que a protagonista do primeiro conto utiliza a dissimulação como estratégia para alcançar seu objetivo, demonstrando a concretização de um plano. O fato de desconhecer trabalhos nessa perspectiva orientou nossa escolha. Assim, abrimos mão dos demais textos, incluindo aqueles que destacam elementos Mitológicos-Assombradores, Visagens de Encantados, Almas Penadas e Visagens Filantrópicas ou Aparições, conforme especificado por Monteiro (2003) em sua abordagem interpretativa.

### **3.1 O método de apreciação da escala**

Durante o voo, ao chegarmos à escala Fantasma Erótico da Soledade, adicionaremos as informações necessárias para a compreensão do conto em estudo, explorando aspectos históricos, culturais, sociais e simbólicos. Esse processo, no qual o referencial teórico é solicitado pelo próprio conto, surge da leitura de Um Memorial das Matintas Amazônicas, em que a autora defende que “é o objeto quem define o método” (Fares, 2015).

Assim sendo, a interconexão entre o conto e o referencial teórico se revela como um guia essencial para desvelar camadas mais profundas da narrativa. À medida que transitamos por esta escala literária, somos instigados a mergulhar não apenas nas tramas do enredo, mas também nos elementos intrínsecos que moldam a tessitura da obra.

Nessa jornada analítica, desvelamos não apenas os aspectos superficiais, mas também as nuances que escapam ao olhar desatento. Ao seguir o preceito de Fares (2015), compreendemos que o objeto em estudo não é apenas um ponto de partida, mas sim um condutor que nos leva a desvendar os segredos mais profundos e intrincados da narrativa literária.

### **3.2 O voo rumo ao desconhecido acontece**

O avião se desprende do solo. Enquanto a aeromoça realiza as orientações, a chuva cai e dificulta a visão. Agora, começamos a temer o caminho escolhido. O guia, sentado ao nosso lado, adverte: “Conhecer as lendas e os mitos da Amazônia é fazer uma linda e fantasiosa viagem, cheia de aventuras! Mas só podem empreendê-la aqueles que sentem atração pelo

desconhecido e não têm medo...” (Monteiro, 2005). A aeronave se desloca por um caminho insólito, onde os pelos do corpo se eriçam, e o guia afirma: “Chegamos à escala!”

A narrativa começa com um homem apreensivo com a finalização do horário de trabalho. Ele faz planos, imagina. No entanto, todo o seu anseio é obstruído pelos insistentes chamados de uma mulher, que se encontra à porta de um antigo cemitério da cidade. Flávio vai ao encontro dela e, rapidamente, é envolvido por uma pegajosa teia. Como uma presa inocente prestes a ser devorada, ele acompanha a desconhecida pela necrópole, à procura do túmulo que ela tanto anseia encontrar. Nesse percurso, passam por sepulturas de destaque. No entanto, o inesperado acontece. Em um lugar escuro e fechado, a mulher revela um desejo sexual. Desprezada pelo motorista, desaparece entre as urnas funerárias, e o homem adoece (Monteiro, 2003).

### **3.3 O cenário**

Além de compor o conto, o Cemitério da Soledade, como é conhecido, atravessa o tempo e revela parte da história de Belém. No século XIX, à medida que a cidade se desenvolvia, epidemias chegavam através do porto. Como medida preventiva, os navios apresentavam uma carta de saúde, que frequentemente não correspondia ao verdadeiro estado da embarcação.

Em 24 de janeiro de 1850, a barca dinamarquesa *Pollux* trouxe consigo a febre amarela, que se espalhou rapidamente pela província do Grão-Pará. A morte e o medo paralisaram a capital, levando à implementação de ações higienistas para combater o avanço da doença. Foi nesse contexto que, em 1850, o Cemitério de Nossa Senhora da Soledade foi criado com o objetivo de interromper os sepultamentos dentro das igrejas. Essa prática, associada à salvação da alma, era desejada por aqueles que não queriam ser enterrados perto do Largo da Pólvora<sup>vii</sup>, local destinado aos pobres, não católicos e excomungados. No entanto, em 1880, após uma avaliação, a necrópole foi considerada incapaz de receber mais túmulos e teve seus portões fechados (Silva, 2005).

### **3.4 A vítima e os famosos túmulos**

Como uma presa prestes a ser devorada, Flávio acompanha a desconhecida pelo Cemitério em busca do túmulo que ela tanto deseja encontrar. Durante o percurso, eles passam pelas sepulturas do General Gurjão, da Preta Domingas, do Menino Cícero e de Raimundinha Picanço. Ela pergunta quem eram essas pessoas. A curiosidade, provavelmente

despertada pela presença de velas e outros objetos deixados por visitantes e devotos, reforça a ideia de que a mulher realmente não conhecia o local. Assim, o homem, mesmo impaciente, explica sobre os túmulos.

Azevedo (2012), em seu Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, afirma que a palavra “Flávio” possui uma origem distante. *Flávios* foi uma dinastia de imperadores romanos, designada pela burguesia italiana, que governou entre 69 e 96 a.C. Os 12 primeiros anos foram marcados por grandes realizações na Itália e nas demais províncias romanas, incluindo a construção do anfiteatro Flávio, posteriormente conhecido como Coliseu. A origem do nome sugere um protagonista robusto e imponente, pois “a imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade” (Bachelard, 1947). Dessa forma, presumimos que ouvir o motorista falar e gesticular era uma atividade prazerosa.

“Flávio explicava que o primeiro havia sido herói na Guerra do Paraguai, e os outros três eram considerados milagrosos pelo povo, a quem faziam culto às segundas-feiras, solicitando graças” (Monteiro, 2003). Esse fragmento prenuncia a segunda parte do livro *Visagens e Assombrações de Belém*, na qual o autor descreve como ocorre o Culto das Almas no Cemitério da Soledade e no Cemitério de Santa Izabel, resultado de uma pesquisa desenvolvida entre 1971 e 1972. É com base nesse estudo que se pode conhecer um pouco da história das pessoas que repousam nas sepulturas mencionadas.

Hilário Maximiliano Antunes Gurjão (1820-1869), conhecido como General Gurjão, teve uma trajetória marcada por diversos feitos. Ele atuou como soldado no movimento da Cabanagem, chefiou a Fortaleza de Santa Cruz e estudou na Escola de Artilharia de Belém e na Escola Militar do Rio de Janeiro. Além disso, comandou o 3º Batalhão de Artilharia e o 1º Batalhão de Infantaria sediado na corte, tornando-se o primeiro paraense a alcançar o posto de Oficial-General do Exército Brasileiro. Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), liderou a 17ª brigada na Batalha de Itororó e, ao avançar, proclamou: “Vejam como morre um General brasileiro!”. Seu sacrifício incentivou os soldados, que estavam desanimados, a prosseguirem e conquistarem a ponte de Itororó. Em sua homenagem, ergueu-se um monumento na Praça Dom Pedro II, em Belém, e posteriormente uma rua no bairro da Campina e uma escola, localizada na Cidade Velha, receberam seu nome (Rodrigues, 2013).

*Visagens e Assombrações de Belém:  
educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro*

Por outro lado, Preta Domingas foi uma escrava que, com muita dedicação, cuidou de um menino confiado a ela. Os anos se passaram, ele cresceu e se tornou grato por tudo. Quando ela faleceu, o homem construiu um túmulo para sepultá-la. Em sua lápide está gravada a seguinte inscrição: “Aqui jazem os restos mortais da Preta Domingas. Falleceu em 25 de março de 1871. Signal de gratidão”. Com o tempo, algumas pessoas começaram a visitar o local e a notícia sobre os milagres realizados se espalhou (Monteiro, 2003).

A história de Raimundinha Picanço é singular. Conta-se que, por algum motivo, ela foi envenenada pelos irmãos e pela madrasta. Na década de 1930, enquanto algumas crianças brincavam próximas ao seu túmulo, a mulher apareceu e chamou uma delas. O menino, alvo de Raimundinha, ficou assombrado e teve uma febre intensa, que foi curada após invocarem o nome da falecida. A partir desse evento, Raimundinha passou a ser cultuada. Seu túmulo, restaurado por uma devota, traz a seguinte inscrição: “Raimundinha Picanço, com o maior carinho, eu te ofereço este túmulo em agradecimento aos inúmeros milagres recebidos por ti” (Monteiro, 2003).

O último jazigo mencionado no conto é o de um menininho que viveu até os quatro anos de idade no final do século XIX. A causa da morte é desconhecida. Em sua lápide, entre velas, fitas, placas de mármore e brinquedos deixados por devotos, lê-se: “Ao inocente Cícero, seus pais inconsoláveis. Filho legítimo de Lindolfo José Burle e de Guilhermina Burle. N. em 19 de setembro de 1867; F. em 27 de abril de 1872” (Monteiro, 2003).

De acordo com Monteiro (2003), os sepulcros de Raimundinha Picanço, Preta Domingas e do Menino Cícero são os mais procurados para a prática do Culto das Almas no Cemitério da Soledade, o que explica a menção no conto em análise. Para o ritual, realizado por pessoas de diferentes classes sociais, o devoto deve visitar o cemitério durante nove segundas-feiras e rezar um rosário. Primeiramente, são rezados dois terços, seguidos pela Oração das Almas, momento em que se pede a graça, e, por fim, o último terço do rosário.

Contudo, em 20 de março de 2021, o Culto das Almas foi interrompido no Cemitério da Soledade. Na ocasião, após uma minuciosa avaliação, a Defesa Civil fechou o local, que foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1964. Os meses se passaram, e o Governo do Pará, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura (Secult) e o Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação da Universidade Federal do Pará (Lacore/UFGPA), deu início à reforma e transformação da necrópole em parque. Assim,

em 11 de janeiro de 2023, véspera do 407º aniversário de Belém, a primeira parte do trabalho foi entregue à população. Estima-se que as obras no agora Parque Cemitério da Soledade continuem até o final de 2024.

### **3.5 O ataque e a concretização de um plano**

A busca pelo túmulo parece interminável. Flávio já não consegue esconder seu desejo de partir. No entanto, a desconhecida é ágil. Como uma aranha envolvendo sua presa, ela conduz o homem até as urnas funerárias, o ponto central de sua teia. O tempo escorre pelos dedos, e o sol desaparece no horizonte: “Hora crepuscular, quase mais nada se via” (Monteiro, 2003). Quando a pesquisa aparenta ter chegado ao fim, a mulher surpreende novamente. Ela toca o sujeito de todas as formas, ansiando por ser amada. É chegada a hora de injetar o veneno.

A peripécia demonstra a concretização de um plano, e as ações indicam que a desconhecida dominava o Cemitério da Soledade. É ela quem sugere e aponta para a sala em que ficam os receptáculos: “talvez não esteja sepultado em um túmulo e sim seus ossos estejam numa urna funerária. Onde será que as guardam?” / “Olhe, talvez seja ali, disse a mulher apontando para a ala lateral à Capela do Cemitério” (Monteiro, 2003). Depois, dentro do local, ela sabe exatamente o que fazer: “dirigiu-se para a parte dos fundos. O homem seguiu-a. Olhou determinada urna e disse: - Parece que é esta. Venha ver”. / “inesperadamente, abraçou-o e começou a apalpá-lo, ao mesmo tempo em que tentava beijá-lo...” (Monteiro, 2003). Com isso, deduzimos que a busca pelo jazigo do avô, assim como as perguntas sobre as sepulturas do General Gurjão, da Preta Domingas, do Menino Cícero e de Raimundinha Picanço, eram apenas meios de distrair o motorista até o anoitecer, período que, segundo Fares (2015), pode ser associado ao prazer.

Apesar disso, a presa rompe o casulo, que foi pacientemente reforçado com várias camadas de seda, e escapa.

As carícias deixam o homem apavorado na obscuridade que envolve a sala. Ele sente as nervosas mãos da desconhecida, como se ela estivesse prestes a devorá-lo. O medo que o invade é semelhante ao que seus os antepassados sentiam nas trevas. Na tentativa de compreender o pavor da humanidade diante da ausência de luz, Delumeau (1989) recorre a várias fontes, incluindo J. Boutonier, que diferencia o medo na escuridão e o medo da escuridão. O primeiro consumia os homens primitivos, que ficavam expostos aos ataques de

*Visagens e Assombrações de Belém:  
educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro*

animais selvagens, os “perigos objetivos”. Mais tarde, o receio dessas ameaças deu origem aos “perigos subjetivos”, produzidos pela imaginação – daí o medo da escuridão (Fares, 2015).

Imobilizado, o motorista reflete sobre os motivos que levaram a desconhecida a construir a trama que o envolve. De repente, num sobressalto, ele se desvencilha e percebe que a mulher não pertence a este mundo. Durante a fuga do Cemitério da Soledade, ele começa a montar um terrível quebra-cabeça que, de maneira confusa, tenta descrever aos seus colegas de trabalho.

Para capturá-lo, a visagem lança uma pegajosa teia de mentiras. Na entrada da necrópole, ela declara não ser da cidade, ter o desejo de visitar o túmulo dos avós e sentir medo de adentrar o local deserto. Flávio, mesmo dominado pela pressa, cede aos argumentos. Beauvoir (1967) explica que esse comportamento astuto tem suas raízes fincadas no passado, quando um modelo feminino foi preconizado.

Ele só é seduzido pelas que lhe preparam armadilhas: oferecendo-se, ela é que vigia a presa; sua passividade está a serviço de um empreendimento, ela faz de sua fraqueza o instrumento de sua força; sendo-lhe proibido atacar francamente, fica adstrita às manobras e aos cálculos; e seu interesse consiste em parecer gratuitamente dada; por isso censuram-na por ser pérfida e traiçoeira: é verdade. Mas é verdade que é obrigada a oferecer ao homem o mito de sua submissão, por ele querer dominar (Beauvoir, 1967, p. 96).

O mito da submissão feminina, mencionado pela autora de *O Segundo Sexo*, é evidente na narrativa em foco. Na introdução, quando a desconhecida expõe toda a sua vulnerabilidade para convencer o homem, a necessidade de proteção masculina surge nas entrelinhas: “fiquei receosa de entrar sozinha. Já é um pouco tarde, e o Cemitério está deserto” (Monteiro, 2003). Mas, no momento em que ela manifesta seu desejo por algumas horas de prazer, é repelida – afinal, não é isso que se espera de uma mulher...

Para discutir a subjugação feminina, é necessário voltar ao passado. Na tradição católica, duas mulheres desempenham papéis essenciais: Eva e Maria. A esposa de Adão é curiosa, transgressora da lei divina, culpada pelos males da humanidade e sexualizada. De outro modo, a mãe de Jesus Cristo é virtuosa, casta e associada ao divino. Para compreender a perspectiva religiosa em relação a essas duas mulheres, Sawyer (1992) utiliza textos produzidos no início do Cristianismo, incluindo o de Santo Irineu, bispo de Lyon, que destaca a virgindade e o casamento como elementos semelhantes entre as duas personagens, mas a obediência a Deus como a principal diferença entre elas.

Com o passar do tempo, a Igreja passou a retratar Maria como um modelo a ser seguido. Durante a Idade Média (476-1453) na Europa Ocidental, a devoção à mãe de Cristo se desenvolveu e alcançou o Trovadorismo, um movimento literário no qual as famosas cantigas de amor retratam a mulher como um ser perfeito e inacessível – uma idealização intencional para reforçar um arquétipo e controlar a sexualidade feminina (Romero e Ramírez, 2019).

No período medieval, marcado pelo poder eclesiástico, as mulheres eram consideradas herdeiras das imperfeições de Eva. Seu corpo sedutor, suas palavras envolventes e sua suposta colaboração com o mal eram associados à transgressão de Adão. Como resultado, a atribuição de uma referência em que a castidade e a submissão ao sexo masculino predominavam possibilitou o controle do comportamento feminino, o que era fundamental para a manutenção da estrutura patriarcal.

Ainda sob uma perspectiva religiosa, é possível encontrar outro motivo para o motorista ter escapado da desconhecida. Trazemos para esta discussão o professor, filósofo e estudioso das religiões Eliade (1992). A partir da leitura de seu livro, *O sagrado e o profano*, compreende-se que, para o homem religioso, o espaço não é uniforme. Nesse sentido, o Cemitério seria um lugar no qual a manifestação do sagrado repousa, uma hierofania que direciona as ações. Desse modo, quando Flávio repreende a mulher por expressar um desejo sexual nesse lugar, a religiosidade do homem transparece: “- Mas, o que é isto? Respeite ao menos o lugar...” (Monteiro, 2003).

Por outro prisma, a desconhecida surge como um ser dessacralizado, para quem nada tem sentido ou significado. Sua representação lembra Eva, que oferece o fruto proibido ao marido, e o próprio diabo, que tenta Jesus no deserto, para que este rompa um jejum de 40 dias e 40 noites (Gênesis 3:1-6; Mateus 4:1-11). Essas referências bíblicas permitem associar a mulher à transgressão da lei divina, à figura do demônio e ao caos, do qual o homem religioso tem verdadeiro medo. Nessa lógica, Flávio rejeita a desconhecida por temer o julgamento divino. Entretanto, resta a dúvida: ele aceitaria o convite em outro local? Cabe ao leitor decidir, por meio de uma leitura poética, pautada na imaginação bachelardiana, descrita por Alvarez Ferreira (2013).

### **3.6 A classificação da entidade**

*Visagens e Assombrações de Belém:  
educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro*

Durante sua pesquisa realizada entre 1969 e 1972, Monteiro (2003) observou que as expressões visagem, assombração e aparição começaram a se diferenciar. Assim, a primeira não é considerada uma ameaça à saúde, a segunda provoca medo e desconforto, enquanto a última é vista como benéfica para quem a presencia, como no caso de algumas almas cultuadas<sup>viii</sup>. Essas distinções evidenciam como as crenças populares se desenvolvem e se adaptam ao longo do tempo, refletindo a complexidade das relações entre cultura e sociedade.

Ao analisar o desfecho do conto Fantasma Erótico da Soledade, com base nas definições propostas pelo autor, percebemos a entidade feminina como uma assombração. Isso ocorre devido à sua influência negativa sobre Flávio no desfecho do conto, que passa a delirar sobre ter sido assediado pela entidade no Cemitério da Soledade, sofrendo mal-estar e adoecendo.

#### **4. Considerações finais**

O voo literário por entre os céus de Belém, guiado pela narrativa de Monteiro (2003) em *Visagens e Assombrações de Belém*, revelou-se uma jornada intrigante e profunda. Ao explorarmos a escala Fantasma Erótico da Soledade, mergulhamos nas entranhas do Cemitério da Soledade, desvendando histórias e personagens que ecoam além das páginas.

A narrativa, marcada pela busca incansável da desconhecida pelo túmulo de seu avô, tece uma teia complexa de simbolismos. O Cemitério da Soledade, além de palco para a trama, revela-se como um cenário histórico, enraizado nas epidemias do século XIX e nas práticas culturais do Culto das Almas. O conto destaca figuras como o General Gurjão, Preta Domingas, Menino Cícero e Raimundinha Picanço, cada qual carregando sua própria história e contribuindo para a riqueza cultural de Belém.

A interconexão entre o conto e o referencial teórico, guiada pelo método proposto por Fares (2015), desvela camadas mais profundas da narrativa. A análise revela não apenas os aspectos superficiais, mas também nuances que escapam ao olhar desatento, permitindo-nos desvendar os segredos mais profundos e intrincados da literatura.

O protagonista, Flávio, imerso na trama de sedução e terror, personifica a complexidade das relações entre os gêneros. A desconhecida, inicialmente apresentada como vulnerável e buscando proteção, revela-se como uma entidade assombrosa, desafiando as expectativas e subvertendo os padrões tradicionais de representação feminina.

A classificação da entidade como uma assombração, à luz das observações de Monteiro (2003), destaca a influência negativa sobre Flávio, que sucumbe ao delírio e à enfermidade após o encontro no cemitério. Essa análise ressalta como as crenças populares evoluem ao longo do tempo, refletindo a dinâmica complexa entre cultura e sociedade.

Ao encerrar essa viagem literária, percebemos que o conto Fantasma Erótico da Soledade transcende a simples trama sobrenatural. É uma narrativa que mergulha nas raízes culturais de Belém, resgatando histórias que, mesmo permeados pelo desconhecido, são parte intrínseca da identidade cultural da região. Assim, ao desvendar os segredos do Cemitério da Soledade, somos convidados a refletir não apenas sobre o sobrenatural, mas sobre a complexidade da condição humana e as camadas ocultas que permeiam nossa compreensão do mundo.

### Referências

ALVAREZ FERREIRA, A. E. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: Eduel, 2013. 225 p. Disponível em: [https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem\\_digital.pdf](https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem_digital.pdf). Acesso em: 14 mar. 2023.

ARAÚJO, A. **WALCYR MONTEIRO, 40 anos de “Visagens e Assombrações”**. Belém: Ana Lúcia Araújo, 2013. 1 vídeo (14 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ApRuYmvDRn8>. Acesso em: 12 set. 2021.

AZEVEDO, A. C. A. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 4. ed. Rio de Janeiro, 2012.

BACHELARD, G. **L'eau et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière**. Paris: José Corti, 1947.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. Tradução: Sérgio Milliet. 1. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2016.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CORRÊA, P. M. **Walcyr Monteiro: o homem das visagens e assombrações**. 1. ed. Belém: Paka-Tatu, 2022.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. 1. ed. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 696 p.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

*Visagens e Assombrações de Belém:  
educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro*

FARES, J. A. **Um memorial das Matintas Amazônicas**. 1. ed. Belém: Fundação Cultural do Estado do Pará, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Atlas S.A, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MONTEIRO, W. **Outras palavras: Entrevista com Walcyr Monteiro**. Belém: Outras Palavras de Victor Victório, 2014. 1 vídeo (14 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oRGqPKBaouc&t=25>. Acesso em: 12 set. 2021.

MONTEIRO, W. **Visagens e assombrações de Belém**. 4. ed. Belém: Paka-Tatu, 2003.

MONTEIRO, W. **Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia** (coleção azul). Belém: Ed. Smith, 2005.

RODRIGUES, D.S; FRANÇA, M.P. S.G.A. A Pesquisa Documental Sócio-Histórica. In: MARCONDES, I. M; TEIXEIRA, E; OLIVEIRA; I. A (orgs.). **Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação**. Belém: Eduepa, 2010. p. 55-74.

RODRIGUES, R. S. **A escultura monumental em Belém do Pará: três obras e um percurso romântico**. 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arte e do Patrimônio) – Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

ROMERO, J. C. G.; RAMÍREZ, M. D. A. A fonte de todos os males: sedução feminina em um conto de Bécquer. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v.17, n.1, p.17-38, Jun. 2019. DOI 10.5935/1679-5520.20190002. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/1313>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SAWYER, D. *Resurrecting Eve? Feminist critique of the Garden of Eden*. In: MORRIS, P. et al. (org.). **A Walk in the Garden Biblical, Iconographical and Literary Images of Eden**. England: Sheffield Academic Press, 1992. cap. 15, p. 273-289.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. A. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 / 1891)**. 2005. 234 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

TAVARES, T. Sexta-feira 13: relembre uma conversa com Walcyr Monteiro e veja as principais lendas de Belém. **DOL**, Pará, 13 nov. 2020. Disponível em: <https://dol.com.br/entretenimento/>

cultura/615501/sexta-feira-13-relembre-uma-conversa-com-walcyr-monteiro-e-veja-as-principais-lendas-de-belem?d=1. Acesso em: 12 set. 2021.

## Notas

---

<sup>i</sup>PALHETA, Nélio. Aos 79 anos, morre o escritor das lendas, visagens e assombrações. **REDEPARÁ**, Belém, 29 mai. 2019. Disponível em: <https://redepara.com.br/Noticia/197291/aos-79-anos-morre-o-escritor-das-lendas-visagens-e-assombracoes>. Acesso em: 11 set. 2021.

<sup>ii</sup>De acordo com Corrêa (2022), a troca do “i” pelo “y” foi resultado de um erro de impressão durante um processo eleitoral no Colégio Estadual Paes de Carvalho. Para não perder a candidatura ou ter que refazer o trabalho, o escritor adotou em seu documento a grafia com “y”.

<sup>iii</sup>Essa obra possui duas datas: na lombada, aparece 1986; na ficha catalográfica, 1985. Por isso, nas edições seguintes, essas datas se confundem como sendo a do lançamento do livro (Corrêa, 2022).

<sup>iv</sup>Centro Brasileiro de Assistência Gerencial à Pequena Empresa.

<sup>v</sup>Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

<sup>vi</sup>Instituto de Terras do Pará.

<sup>vii</sup>Com o passar do tempo, o Largo da Pólvora passou a ser chamado de Praça da República.

<sup>viii</sup>Raimundinha Picanço é uma exceção. Na década de 1930, quando apareceu a um menino, causou o adoecimento da criança, curada após a invocação de seu nome.

## Sobre as autoras

### Jayna Santos

Licenciada Plena em Letras - Língua Portuguesa e Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Participa do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

E-mail: [jaynakarolyne@gmail.com](mailto:jaynakarolyne@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7440-0619>.

### Josebel Fares

Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA,1997). Possui estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). É licenciada em Letras. Atualmente é professora titular da Universidade do Estado do Pará/ Departamento de Língua e Literatura e Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Educação. Coordena o Núcleo e o Grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA- UEPA).

E-mail: [belfares@uol.com.br](mailto:belfares@uol.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2384-0582>.

Recebido em: 25/02/2023

Aceito para publicação em: 01/12/2023